

## FAÇAMOS TRÊS TENDAS

---

Lúcia Leitão

*E a terra era sem forma e vazia...*

Gênesis 1:2

[...] *Façamos três tendas* [...]

Mateus 17:4

Discutindo o que é a arquitetura, em especial o conceito de espaço, o erudito pensador italiano da segunda metade do século XX, Guilio Carlo Argan, anotou em *Projeto e Destino*: De onde nasce e como se organiza no espírito humano [a] necessidade ou [a] vontade de “espacejar” é uma questão outra e bem mais complexa.”<sup>1</sup>

Expressava, desse modo, seu espanto diante da complexidade da arquitetura como campo disciplinar ao tempo em que chamava a atenção para os seus limites epistemológicos. Ratificava, assim, texto anterior, hoje clássico, segundo o qual definir o que é arquitetura “seria um problema puramente filosófico”<sup>2</sup>, extrapolando, portanto, o repertório teórico da arquitetura.

É nesse contexto ou sob essa circunstância, de tentativa de construção teórica dessa idéia complexa, que se esboça a seguir o que seria um outro modo de ver a arquitetura quando sobre ela se lança um olhar diferente daquele que a enxerga tão somente com a objetividade que a pedra e a cal lhe emprestam.

Para tanto, trabalha-se com a hipótese de que *a arquitetura é uma expressão do desejo e não filha da necessidade, apenas*. À luz dessa idéia, é forçoso rever a associação espaço-necessidade e com ela a definição de arquitetura como um simples abrigo para as múltiplas atividades humanas.

---

<sup>1</sup> ARGAN, Giulio. [1962]. *Projeto e destino*. São Paulo: Ática, 2000, p. 82, aspas originais, grifos da autora.

<sup>2</sup> ARGAN, Giulio. *El concepto del espacio arquitectónico: desde el barroco a nuestros días*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1966, p. 13.

Muito mais que isso, a arquitetura é, também, expressão do desejo que distingue o humano, circunstância que faz do ambiente construído bem mais que território e da casa muito mais que proteção para as intempéries que o ambiente natural produz.

Movido pela falta que define o humano, o *desejo de espacejar*, do qual surge o espaço da arquitetura, assenta-se no psiquismo humano desde o momento em que a experiência de desamparo, quer em sua realidade objetiva, quer em sua expressão simbólica, induziu à 'construção da primeira casa'.

Nessa perspectiva, a *noção de paraíso* parece ser uma idéia conveniente à compreensão desse *desejo de espacejar* em seus primórdios. E isso porque nela está implícita a idéia de perda, de desamparo, inerente à existência humana. Afinal, como lembra, com propriedade, Michel de Certeau<sup>3</sup>, só há paraísos perdidos.

Mas a idéia de paraíso, posto que fortemente inculcada no imaginário coletivo, não dá conta, à luz da ciência, da noção de falta, de incompletude, que lhe é própria. É nesse ponto que a teoria psicanalítica oferece uma resposta plausível à compreensão do *desejo de espacejar* que marca o humano desde sempre.

Com ela, é possível articular o conceito de espaço da arquitetura à noção de desejo de que se ocupou Freud, e com isso, investigar possíveis aproximações conceituais entre dois campos do saber epistemologicamente tão distintos. Afinal, tanto o espaço arquitetônico em sua dimensão subjetiva quanto o desejo em sua formulação freudiana são indeterminados e inapreensíveis, se não pela experiência, o que os aproxima de modo surpreendente.

Assim, se em sua expressão objetiva o espaço produzido pela arquitetura é objetivo e determinado, uma vez que estabelece limites, oferece proteção ambiental, permanece no tempo etc., em sua

---

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. [1980]. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer* Petrópolis: Vozes, 2002, p. 196.

dimensão subjetiva se aproxima da não-materialidade que define o desejo freudiano. Afinal, ambos não se vinculam ao reino das necessidades que podem ser saciadas.

Sob essa perspectiva, o espaço da arquitetura se produz por não se poder evitar, isto é, porque, com ele e por meio dele, o sujeito humano busca aplacar, ainda que ilusoriamente, desejos até há pouco sequer suspeitados pela teoria da arquitetura.

Agora, a essência da *noção de casa* parece ser a chave-mestra que dá acesso a uma melhor compreensão do que é espaço da arquitetura em sua dimensão subjetiva.

Não o objeto casa, obviamente, mas a idéia que lhe dá sustentação desde que se ergueu *A casa de Adão no paraíso*<sup>4</sup>. Desde o instante inicial em que a raça humana atribuiu valor não material ao ambiente que começava a construir. Assim, o espaço edificado para abrigar o indivíduo humano torna-se, também, o espaço que se edifica para acolher o sujeito em seu desamparo — aqui entendido como “a maneira de Freud se referir à finitude do sujeito”, segundo definição formulada por Joel Birman<sup>5</sup>—, frente à experiência de existir.

É esse o sentido da noção de casa na história humana desde os seus primórdios. No Velho Testamento, por exemplo, a casa tem um sentido muito mais amplo do que o que costumeiramente se dá a ela nos dias que correm. Nele, a idéia de casa aparece associada a uma linhagem, a um clã específico, sugerindo, assim, pertinência, continuidade, inclusão. *Entra na arca, tu e toda a tua casa*<sup>6</sup>, foi a ordem recebida pelo patriarca Noé frente à iminência do dilúvio que aniquilaria todos aqueles que não pertencessem ao seu clã.

Mas a noção de casa, ainda no Velho Testamento, também traz implícita e explicitamente a idéia de sagrado, de transcendência. É quando a casa se faz templo e, agora, literalmente: *Este lugar é a casa de Deus, a porta dos céus*<sup>7</sup>, exclamou Jacó, pasmo, logo após um extraordinário encontro com

---

<sup>4</sup> RYKWERT, Joseph. [1972]. *On Adam's house in paradise*. Cambridge: MIT Press, 1997.

<sup>5</sup> BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 37.

<sup>6</sup> Livro do Gênesis, 7:1.

<sup>7</sup> Livro do Gênesis, 28:17.

o Sagrado. É essa idéia de casa como lugar santo que fez Maomé ensinar aos seus fiéis: *O interior da tua casa é um santuário*, conforme escreveu Goitia<sup>8</sup> em sua *Breve história do urbanismo*.

No Livro dos Salmos é a busca de proteção frente ao desamparo de que se falou acima, por sua vez, que aparece presente na noção de casa: *Habitarei na casa do Senhor para todo o sempre*, diz o rei Davi em um de seus salmos mais célebres. Agora, *a Casa do Senhor* não se confunde mais com um templo edificado. Muito mais do que isso, a noção de casa transcende a vida humana e seus limites e transforma-se no lugar que acolhe a alma. Tampouco o *prazer em estar* —a expressão é de Hall<sup>9</sup>— ficou ausente da noção de casa, e assim o mesmo salmista diz ainda: *Eu amo, Senhor, a habitação de tua casa*.<sup>10</sup>

No Novo Testamento, a noção de casa amplia ainda mais seu significado. Agora, a noção de habitar um espaço edificado aparece associada ao prazer em estar de que se falou anteriormente e bem ao gosto do individualismo que, na visão de Luis Dumont<sup>11</sup>, crava suas primeiras estacas no Cristianismo então nascente. Assim, diz o discípulo Pedro ao seu Mestre, conforme narrativa dos evangelistas: *Bom é estarmos aqui. Façamos três tendas* para que possamos assegurar a nossa permanência aqui, nesse lugar de prazer e bem-estar plenos.

A essa altura, parece impossível não concordar com Freud (1929-30) quando ele assinala que a casa, isto é, o espaço edificado, se se amplia o conceito como o fez Bachelard<sup>12</sup>, é um substitutivo do útero, um espaço psiquicamente associado à idéia de prazer e bem-estar, *onde* real ou ilusoriamente, uma vez que seja, *se estava tão a gosto*<sup>13</sup>.

Em sua expressão objetiva, tampouco a idéia de casa se limita à edificação em si. Assim, a casa aparece, freqüentemente, associada à idéia de perenidade que a vida humana não tem. A *casa patriarcal*, manifesta nos castelos da aristocracia européia, é um bom exemplo disso. Espaços que

---

<sup>8</sup> GOITIA, Fernando. *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

<sup>9</sup> HALL, Edward. [1966]. *A Dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D'Água, 1986.

<sup>10</sup> Livro dos Salmos, 23:6 e 26: 8, respectivamente.

<sup>11</sup> DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

<sup>12</sup> BACHELARD, Gaston. A poética do espaço In *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 180-354.

<sup>13</sup> Literalmente diz Freud: [...]; la vivienda, un sucedáneo del vientre materno, primera morada cuya nostalgia quizá aún persista en nosotros, donde estábamos tan seguros y nos sentíamos tan a gusto. FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. In *Obras Completas*. Editorial Biblioteca Nueva. Madri, 1973, p. 3034.

se não comprem, pois se herdarem —para desespero dos novos ricos—, essas casas deveriam acolher gerações sucessivas de uma mesma família. Onde quer que se ergam, essas casas patriarcais estão fortemente associadas à idéia de permanência, de vida que se não finda, utopia que acalenta a existência humana desde sempre.

Assim, *a noção de casa*, em toda sua extensão e diversidade, é pedra angular quando se busca compreender *de onde surge e como nasce o desejo de espacejar*, desejo esse que faz do espaço muito mais que abrigo e da arquitetura muito mais que arte e técnica de edificar.

Como conseqüência desse outro jeito de compreender o espaço edificado, *a arquitetura deixa de ser meio para se mostrar fim* em si mesma, ou, dito de outro modo, a arquitetura deixa de ser “a cena onde decorre a nossa vida”, como queria Bruno Zevi<sup>14</sup>, para se confundir com a própria vida enquanto experiência humana.

Tem razão, portanto, Bernard Salignon quando afirma que *a arquitetura não é unicamente uma geometria, menos ainda uma volumetria*<sup>15</sup>. Tampouco forma e função, em linguagem própria da teoria da arquitetura, são suficientes para apreender-lhe o sentido. É a idéia de falta, em sua formulação psicanalítica, que agrega sentido ao complexo desejo de espacejar e torna plausível a idéia de que a arquitetura, em sua função subjetiva, se faz por não se poder evitar.<sup>16</sup>

É nesse sentido que a arquitetura não é um meio de construir apenas, mas, sim, um modo de viver a vida, o que a faz imprescindível em sua expressão subjetiva. É, pois, sob essa circunstância muito particular que a arquitetura em sua dimensão subjetiva deixa de ser meio para se fazer fim, uma vez que nela e por ela se experiencia a vida.

---

<sup>14</sup> ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. Lisboa: Editorial Minerva, 1977, p. 28.

<sup>15</sup> SALIGNON, Bernard. *Fondements de la psychanalyse et architecture*. In *La cité n'appartient à personne*. Saint Maximin: Théétète Éditions, 1997, p. 91

<sup>16</sup> É verdade que se pode argumentar que outras manifestações culturais também se originam desse mesmo desejo inconsciente de que fala Freud. Mas essa não é uma questão passível de ser discutida aqui. Além disso, a especificidade da arquitetura, aquilo que a distingue não apenas das demais artes, mas também de outras obras do engenho humano, dificulta e por vezes impossibilita possíveis comparações entre essa manifestação humana específica e outras tantas constituintes da Cultura. Características específicas do espaço da arquitetura, a exemplo da *durabilidade material* do objeto arquitetônico; a sua *visibilidade obrigatória* (Zevi, 1977); a possibilidade de *incluir o humano* e com isso permitir-lhe *entrar, estar dentro* e a associação inconsciente desse atributo distintivo da arquitetura com a relação materna; a possibilidade concreta de *constituição de lugares de memória* afetivamente diferenciados e fisicamente delimitados; a possibilidade de *frequêntá-la* e com isso *rememorar experiências importantes* etc., associadas, são características que tornam singular o espaço que se faz arquitetura e seu papel na Civilização.

Agora, à luz da subjetividade, é possível compreender que “*a arquitetura é algo mais do que um instrumento puramente prático e este algo mais é essencial para a vida humana.*”<sup>17</sup>

À luz da obra freudiana, propõe-se aqui *um novo modo de compreender a arquitetura* para além da objetividade material que lhe é própria. Muito mais que isso, ela é também um modo de compreender a condição humana em sua dimensão não-dita, em seu enunciado não-explicito, ainda que profundamente experienciada.

Destarte, ao *Saber ver a arquitetura*, proposto por Bruno Zevi, associa-se o desafio de *saber compreender a arquitetura*. Em outras palavras, o desafio de saber agir projetualmente, de acordo com o entendimento de que “[o espaço edificado] não é algo buscado racionalmente” apenas, como bem assinala Mitscherlich.<sup>18</sup>

E em assim sendo,

[...] onde *quer que exista uma perfeita experiência espacial a viver*, nenhuma representação é suficiente, *devemos nós ir, ser incluídos, tornarmo-nos e sentirmo-nos parte e medida do conjunto arquitetônico*, devemos nós próprios mover-nos. Tudo o resto é didaticamente útil, praticamente necessário, intelectualmente fecundo; mas é mera alusão e função preparatória dessa hora em que, todos nós, seres físicos, espirituais e sobretudo humanos, vivamos os espaços com uma adesão integral e orgânica. *Será esta a hora da Arquitetura.*<sup>19</sup>

### **Idéia Núcleo:**

O espaço da arquitetura se produz por não se poder evitar, isto é, porque com ele e por meio dele, o sujeito humano busca aplacar, ainda que ilusoriamente, desejos até há pouco sequer suspeitados pela teoria da arquitetura.

---

<sup>17</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. (1967). *Intenciones en arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998, p. 122, grifos da autora.

<sup>18</sup> MITSCHERLICH, Alexander. (1965). *Psychoanalyse et urbanisme: réponse aux planificateurs*. Paris: Gallimard, 1970, p. 140.

<sup>19</sup> Bruno Zevi, op. Cit., pp. 43-44, grifos da autora.